



Centro Universitário de Brasília – UNICEUB
ICPD/CESAPE
Pós-Graduação *Lato Sensu*

Gladys Helena Barbosa El Zayek

**O *BLOG* DO GABEIRA:
A FERRAMENTA DAS UTOPIAS POSSÍVEIS**

Brasília – DF
2006

Gladys Helena Barbosa El Zayek

**O *BLOG* DO GABEIRA:
A FERRAMENTA DAS UTOPIAS POSSÍVEIS**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação Lato Sensu, em Língua Portuguesa – Texto e Discurso.
Doutorado em Lingüística e Mestre em Comunicação e Semiótica: Joana da Silva Ormundo

**Brasília – DF
2006**

RESUMO

O desenvolvimento das tecnologias digitais e a profusão das redes interativas têm colocado a humanidade diante de um caminho sem volta. Algumas transformações que vêm ocorrendo estão relacionadas aos suportes de escrita e de leitura e aos modos pelos quais a evolução destes afeta as relações entre escritores, leitores e textos. Dentre as novas práticas comunicativas que estão surgindo está o *blog*, um dos mais recentes espaços textuais na Internet. Este estudo tem como foco principal investigar o uso do *blog* no ordenamento discursivo no campo da política. Em outras palavras, esta investigação se concentra nos mecanismos de linguagem presentes no *blog* que podem permitir a identificação do posicionamento político do escritor, e nas ferramentas e formas por meio das quais a linguagem é construída. Com tal objetivo, optamos por analisar o texto do *Blog do Gabeira*, correlacionando-o à teoria elaborada por Santaella e Bakhtin no que concerne ao dialogismo e por Fairclough quanto à intertextualidade. Os estudos confirmaram que, o hibridismo, a intertextualidade, o dialogismo, trabalharam na construção do sentido político e ideológico do *blog*, definindo e identificando papéis sociais, e que as ferramentas constitutivas do *blog*, cumpriram sua função de provocar a interação entre produtor e usuários.

Palavras-chave:

Blogs, blogueiros, política, hibridismo, interação.

ABSTRACT

The development of digital technologies and profusion of interactive nets have placed the humanity ahead of a way without return. Some transformations that have been occurring are related to the supports of writing and reading and to the evolution ways of these ones affects the relations between writers, readers and texts. Amongst the new communicative practices that are appearing, there is blog, one of the most recent literal spaces in the Internet. This study focuses on the investigation of blog's use effects for the discursive order in politics. In other words, this inquiry concentrates in the language mechanisms gifts in blog that can allow to the identification of the writer's politic position, and in the tools and forms by means of which the language is built. With such objective, we opt to analyzing the text of the Gabeira's Blog, correlating it to the theory elaborated by Santaella and Bakhtin about dialogism and by Fairclough about intertextuality. The studies had confirmed that hybridism, intertextuality and dialogism had worked in the construction of ideological and politician meanings of blog, defining and identifying social rolls , and that the constituent tools of blog had fulfilled its function to provoke the interaction between producer and users.

Word-key:

Blogs, bloggers, politics, hybridism, interaction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	
1 CONSTEXTUALIZANDO O AMBIENTE DA REDE ATÉ CHEGAR AO <i>BLOG</i>	09
1.1 HIPERMÍDIA: A LINGUAGEM DO UNIVERSO <i>ON-LINE</i> .	12
1.2 INTERNAUTA: O LEITOR IMERSIVO DE SANTAELLA ..	14
1.3 ARTE, EDUCAÇÃO E CIDADANIA NA INTERNET.....	16
1.4 BREVE HISTÓRICO DAS COMUNIDADES VIRTUAIS	18
2 CONHECENDO O MUNDO DOS <i>BLOGS</i>	20
2.1 <i>BLOG</i> : UMA FERRAMENTA AO ALCANCE DE TODOS...	22
2.2 JORNALISMO COM LIBERDADE.....	25
2.3 O <i>BLOG</i> COMO SUPORTE POLÍTICO	27
3 REFERENCIAL TEÓRICO	32
3.1 OS QUATRO TRAÇOS FUNDAMENTAIS DEFINIDORES DA HIPERMÍDIA	32
3.2 CONCEITUANDO O DIALOGISMO	34
3.3 CONCEITUANDO A INTERTEXTUALIDADE	36
4 O <i>BLOG DO GABEIRA</i>.....	38
4.1 QUANTO AO FORMATO DA PÁGINA	39
4.2 ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM.....	43
4.3 O <i>BLOG DO GABEIRA</i> E A COMUNIDADE DISCURSIVA ..	47
4.4 DIALOGISMO E INTERTEXTUALIDADE	55
5. CONCLUSÃO.....	59
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

INTRODUÇÃO

Estudos sobre o impacto causado pela Internet na sociedade moderna (LÉVY, 1999), demonstram que as práticas da linguagem por meio da comunicação global mediada pelo computador têm crescido consideravelmente, além de resultar em novas formas artísticas, em transformações na relação com o saber, com questões relativas à educação e formação, cidade e democracia, em manutenção da diversidade das línguas e das culturas, etc.

Práticas comunicativas têm surgido por meio dessa nova tecnologia, cujo processo interativo nas relações é muito mais evidenciado do que em outros contextos midiáticos. A comunicação *on-line* é motivada, especialmente, pela flexibilidade do universo *on-line* em abarcar inúmeros recursos multimídia. Conseqüentemente, como pode ser observado, há uma clara inter-relação do autor do discurso com o usuário da Internet.

Assim sendo, novas habilidades são desenvolvidas pelo usuário da Internet (SANTAELLA, 2004), pois ao conectar na tela, por meio de movimentos e comandos de um mouse, os nexos eletrônicos dessa infovia — rede de alta velocidade, baseada em tecnologias ópticas e de rádio freqüência com a utilização da Internet —, o usuário vai unindo fragmentos de informação de naturezas diversas, criando e experimentando, na sua interação com o potencial dialógico da hipermídia, um tipo de comunicação multilinear e labiríntica.

Os diários *on-line*, ou *blogs*, assim também chamados, são considerados um sistema padronizado de publicação de textos narrativos, ordenados cronologicamente e atualizados dia-a-dia, ou quase, e fazem parte do que hoje podemos chamar — como bem comprovou Ormundo (2005), em seu artigo *Comunicação Mediada pelo Computador: blog:*

gênero discursivo emergente — de um novo gênero discursivo, contextualizado no universo das práticas comunicativas que surgem na Internet.

Dentro do universo dessas práticas comunicativas que surgem na Internet, tomaremos como objeto de estudo aquelas que ocorrem nos *blogs*, mais especificamente, as que ocorrem no *Blog do Gabeira*, localizado no *site* da Câmara dos Deputados.

Este trabalho buscará analisar a utilização do *blog* com ordenamento discursivo no campo da política. A análise, portanto, irá investigar, nas formas de linguagem que aparecem no *Blog do Gabeira*, como ocorre o diálogo do posicionamento político do Deputado no *blog* com seu leitor. Quais são os mecanismos de linguagem presentes no *blog* que permitem identificar o posicionamento político do seu produtor? Como que o diálogo se constitui por meio das ferramentas e das formas como o produtor do *blog* constrói a linguagem?

Segundo o Deputado Fernando Gabeira, nunca houve tanta informação disponível e tanta democracia no acesso e na produção de informação. Sabemos também nunca houve tanto potencial técnico que permitisse levar essas possibilidades ao extremo. Estamos, na verdade, vivendo uma revolução com grande potencial de transformação, caracterizada pela capacidade de digitalizar e transmitir dados com rapidez. A Internet, em especial o *blog*, concentra em si todos os meios de comunicação, textos, fotos, vídeos, boletins de rádios, etc e possibilita ao político uma comunicação direta com os eleitores, sendo, portanto, um instrumento poderoso na formação de opinião, na tomada de um posicionamento político-social. Considerando todas essas questões e a velocidade com que os *blogs* políticos vêm conquistando espaço a cada dia, a maneira como essa ferramenta tem se tornado popular e, principalmente, os diversos mecanismos de linguagem que, por sua característica dialógica e interativa, vêm contribuindo na formação de um novo leitor, ou eleitor, hoje muito mais ativo e participativo, é que optamos por desenvolver esse estudo.

Assim, a presente monografia foi estruturada em capítulos. No primeiro capítulo, buscamos contextualizar o ambiente da Internet, com base nos estudos desenvolvidos por Lévy (1999) e Santaella (2004), conceituando termos específicos criados para essa nova forma de comunicação; no segundo, apresentamos uma breve história sobre como surge e como vem se desenvolvendo a ferramenta, de acordo com Schittine (2004), como esse novo meio de comunicação *on-line* vem revolucionando o jornalismo, a política, a literatura, enfim, como o *blog* vem popularizando de forma única a comunicação por meio da rede; a seguir, no terceiro capítulo, estudaremos os autores e suas teorias, segundo as quais será analisada a linguagem do *blog*, com vistas a realizar a pesquisa proposta por este trabalho; no quarto, finalmente, é realizada a correlação entre os mecanismos de linguagem constantes no *blog* e a teoria apresentada no terceiro capítulo; no quinto, faremos as considerações finais.

1 CONTEXTUALIZANDO O AMBIENTE DA REDE

O desenvolvimento das tecnologias digitais e a profusão das redes interativas, quer queira ou não, colocam a humanidade diante de um caminho sem volta: já não somos como antes. Práticas, atitudes, modos de pensamento e valores estão, cada vez mais, sendo condicionados pelo novo espaço de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores: o ciberespaço. Esse é ponto de partida de Lévy (1999) para estudar as implicações culturais engendradas pelas novas tecnologias de comunicação e informação.

Para Lévy (1999), o ciberespaço — que também chama de rede — é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Santaella (2004), por sua vez, considera ciberespaço todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação. Para a pesquisadora, o ciberespaço é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis, um mundo virtual da comunicação informática, um universo etéreo que se expande indefinidamente mais além da tela. O ciberespaço deve, portanto, ser concebido como um mundo virtual global coerente — independente de como se acede a ele e de como se navega nele —, que inclui todas as modalidades de uso que as redes possibilitam. O ciberespaço é o espaço que se abre quando o usuário se conecta com a rede.

A cada dia, novas espécies de mensagens proliferam no ciberespaço, por meio dos computadores e das redes de computadores, tais como hipertextos, hiperdocumentos, simulações interativas e mundos virtuais. A virtualidade constitui o traço distintivo dessa

nova face da informação, e a digitalização é o fundamento técnico da virtualidade. Lévy (1999) defende que extensão do ciberespaço acompanha e acelera uma virtualização geral da economia e da sociedade. Ele diz o seguinte:

Das substâncias e dos objetos, voltamos aos processos que os produzem. Dos territórios, pulamos para a nascente, em direção às redes móveis que os valorizam e os desenham. Dos processos e das redes passamos às competências e aos cenários que as determinam, mais virtuais ainda. Os suportes de inteligência coletiva do ciberespaço multiplicam e colocam em sinergia as competências. Do *design* à estratégia, os cenários são alimentados pelas simulações e pelos dados colocados à disposição pelo universo digital. Ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos: características virtualizante e deterritorializante do ciberespaço fazem dele o vetor de um universo aberto. (LÉVY, 1999, p. 49)

Em seu trabalho, Lévy (1999) define algumas funções do ciberespaço como, por exemplo: a possibilidade de acessar, à distância, os diversos recursos de um computador — é possível ao usuário, com a ajuda de seu computador, conectar-se a um outro maior, utilizando-o para resolver, em pouco tempo, problema que o seu levaria dias para fazer —; a possibilidade de acessar o conteúdo de banco de dados ou a memória de um computador distante; a possibilidade de fazer transferência de dados etc. Dentre as funções do ciberespaço, são de grande importância, e, principalmente, muito utilizadas, aquelas que dizem respeito à troca de mensagens, ou seja, o correio eletrônico, que pode ser acessado com facilidade, em qualquer lugar, desde que haja um computador ligado à rede. Esse item, especificamente, confirma o que disse Lévy (1999) sobre a comunicação virtual ser eminentemente interativa; os grupos de discussão formados a partir de interesses comuns ou os que acontecem em tempo real, a busca de informações na Internet, o que favorece especialmente às pesquisas científicas além de outras áreas; e o comércio e a publicidade eletrônicos que também povoam o ambiente.

O crescimento da comunicação baseada na informática veio à tona no final dos anos 80. Seus autores construíram um espaço de encontro, de compartilhamento e de invenção

coletiva, alimentados por redes independentes de empresas, por associações, por universidades, pelas mídias convencionais etc. o que trouxe inúmeras implicações culturais à sociedade.

Surge então a cibercultura — a cultura advinda do ciberespaço—, compreendida por Lévy (1999) como um “verdadeiro movimento social, com seu grupo líder — a juventude metropolitana escolarizada —, suas palavras de ordem — interconexão, comunidades virtuais, inteligência coletiva — e suas aspirações coerentes.” A cibercultura trouxe para seu interior o diálogo entre a técnica e o social, o que oferece a oportunidade de pensá-la para além dos domínios do tecnológico.

São três os princípios que regem a cibercultura: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão é uma das idéias mais fortes da cibercultura, cuja principal característica é a interação, o diálogo. Ela derruba todas as fronteiras criadas pelo homem, cria um grande meio informacional, insere as pessoas numa corrente interativa. A interconexão tece uma teia universal por meio do contato. Já as comunidades virtuais — princípio que se apóia no da interconexão — são construídas com base em afinidades de interesses, de conhecimentos, em cima de projetos, enfim..., independentemente da distância e das filiações institucionais. A inteligência coletiva é o princípio da cibercultura que diz respeito à sua perspectiva espiritual, à sua finalidade última. Na verdade, a inteligência coletiva é o modo de realização da humanidade que a rede favorece, sem que saibamos em que direção e a que resultados tendem as organizações que colocam em sinergia os recursos intelectuais. A inteligência coletiva é um programa que diz respeito tanto às empresas como às escolas, tanto às regiões geográficas como às associações internacionais. O ciberespaço, portanto, surge como a ferramenta de organização de comunidades de todos os tipos e de todos os tamanhos em coletivos inteligentes, mas também como instrumento que permite aos coletivos inteligentes se articularem entre si.

Interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva são aspectos de uma teia de contato que cresce com a população. Cada um dos três aspectos constitui condição necessária para isto: não há comunidade virtual sem interconexão, não há inteligência coletiva sem virtualização das comunidades no ciberespaço. A interconexão condiciona a comunidade virtual, que é uma inteligência coletiva em potencial.

Lévy (1999) acredita que a cibercultura seja a herdeira legítima da filosofia das Luzes e que difunde valores como fraternidade, igualdade e liberdade. A rede é, antes de tudo, um instrumento de comunicação entre indivíduos, um lugar virtual no qual as comunidades ajudam seus membros a aprender o que querem saber. Diante da profusão de informações e do caos emergente que isso venha a causar, ele acena que a rede tem a sua própria forma de controle: a opinião pública e as instituições que dela fazem parte.

Não obstante a importância dessa questão, devemos nos concentrar em uma das faces fundamentais da cibercultura, a face das linguagens, cuja chave da compreensão está na hipermídia, tema que será desenvolvido a seguir.

1.1 HIPERMÍDIA: A LINGUAGEM DO UNIVERSO *ON-LINE*

A pesquisadora Santaella (2004), ao definir o ciberespaço, caracteriza seus traços constituintes, especialmente a nova linguagem que será usada na navegação: a hipermídia. A hipermídia, segundo Feldman (apud SANTELLA, 2004), é a integração sem suturas de dados, textos, imagens de todas as espécies e sons dentro de um único ambiente de informação digital. Compreender a hipermídia, que tanto pode estar manifesta no *design* de um suporte CD-Rom quanto nas estruturas em movimento dos nós e

conexões de um usuário da WWW, significa compreender uma das faces fundamentais da cibercultura — especificada por Lévy (1999, p.17), como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço —, a face das linguagens.

Santaella (2004) definiu como traços fundamentais da hipermídia a linguagem híbrida que a constitui, a memória que é construída por meio de arquivos, *links* e do próprio usuário, os hipertextos confeccionados a partir de nós e de nexos, como se fossem os tijolos de uma construção, e, por fim, a interatividade que, sem dúvida, é a marca profunda dessa nova prática comunicativa.

A grande flexibilidade do ato de ler uma hipermídia funciona, contudo, como faca de dois gumes. Ela pode se transformar em desorientação se o leitor não for capaz de formar um mapa cognitivo. O usuário de uma hipermídia deve colocar em ação habilidades de leitura muito distintas das empregadas pelo leitor de um texto impresso como o livro e também das empregadas pelo leitor de imagens ou pelo espectador de cinema ou televisão.

Tais habilidades, que se acentuam mais e mais quando a hipermídia migra do suporte *CD-ROM* para transitar nas potencialmente infinitas infovias do ciberespaço, deram origem a um leitor específico, com habilidades sensoriais e cognitivas específicas, que se mantém num estado permanente de prontidão perceptiva e cuja atividade mental precisa estar em perfeita sintonia com as partes motora e cognitiva. É sobre esse leitor que falaremos a seguir.

1.2 INTERNAUTA: O LEITOR IMERSIVO SEGUNDO SANTAELLA

O leque de opções que se abre diante do internauta — usuário da comunicação pela Internet — é muito grande. O ambiente ciberespacial se codificou em rotas e sítios sinalizados com uma organização interna que, nos serviços que disponibiliza, apresenta alguns tipos de comunicação já estratificados, tais como: correio eletrônico, *chats* (canais de bate-papo síncrono), sites de busca (conjunto de página da Internet), comércio e publicidade eletrônicos.

O usuário de uma hipermídia, para se movimentar no ambiente *on-line*, deve colocar em ação habilidades de leitura muito distintas das empregadas pelo leitor de um texto impresso e também daquelas empregadas pelo receptor de imagens ou pelo espectador de cinema ou televisão. O novo tipo de leitor que está surgindo no seio das configurações hipermidiáticas das redes e conexões eletrônicas, com novas formas de percepção e cognição, novas disposições, habilidades e competências de leitura, vem despertando o interesse de vários estudiosos.

Santaella (2004), ao refletir sobre essas questões, expandiu o conceito do leitor do livro para o leitor da imagem e desta para o leitor de formas híbridas de signos e processos de linguagem, incluindo aí o leitor da cidade e o espectador de cinema, TV e vídeo, também considerados por ela como um dos tipos de leitores, visto que as habilidades perceptivas e cognitivas que eles desenvolvem ajudam a compreender o perfil do leitor que navega pelas infovias do ciberespaço povoadas de imagens, sinais, mapas, rotas, luzes, pistas, palavras, textos e sons.

As mudanças sociais e culturais, advindas da passagem de um meio de comunicação a outro fizeram com que Santaella (2004) classificasse o leitor em três categorias, a saber: o primeiro, denominado por ela de **leitor contemplativo**, caracteriza-se por ser um leitor de livros e de artes plásticas, é o leitor meditativo da idade pré-industrial, o leitor da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa; o segundo, a autora chama de **leitor movente**, é o leitor do jornal, da revista, do folhetim... que lê na rua, no ônibus, no metrô..., o típico leitor das metrópoles aceleradas; e o terceiro é aquele que Santaella (2004) denomina **leitor imersivo**, pois se caracteriza por seus profundos mergulhos no mar dos hipertextos e hipermídia presentes nas páginas da *Web*. Trata-se de um leitor revolucionariamente novo, pois o internauta está num estado permanente de prontidão perceptiva e sua atividade mental deve estar em perfeita sintonia com as partes motora e cognitiva.

Santaella (2004) conclui, em seus estudos, que embora haja uma seqüencialidade histórica no aparecimento de cada um desses tipos de leitores, isso não significa que um exclui o outro, que o aparecimento de um tipo de leitor leva ao desaparecimento do tipo anterior. Ao contrário, não parece haver nada mais cumulativo do que as conquistas da cultura humana.

Neste ponto, voltamo-nos às implicações culturais advindas do desenvolvimento do ciberespaço e das novas habilidades que permitem ao **leitor imersivo** não só navegar aleatoriamente pelo universo *on-line*, mas explorar a abertura de um novo espaço de comunicação, cujas potencialidades positivas apresentam-se no plano econômico, político, cultural e humano. O retrato contempla essencialmente três temas: as artes, o saber e a cidadania.

1.3 ARTE, EDUCAÇÃO E CIDADANIA NO UNIVERSO *ON-LINE*

Diante das novas configurações de comunicação e da interação que emergem no meio tecno-social, Lévy (1999) se propôs a investigar as transformações que vêm pontuando as artes, a educação e a cidade.

No que diz respeito às artes de um modo geral, a principal mudança está na participação direta ou indireta nas obras daqueles que as provam, interpretam, exploram ou lêem. Tal participação não acontece apenas na construção do sentido da obra, mas também na sua co-produção, já que o expectador é chamado a intervir diretamente na sua atualização. E mais, a ciberarte, além da interferência do receptor, faz-se a partir de uma criação coletiva e contínua, o que faz dela uma obra “aberta”. Na obra virtual, cada atualização nos revela um novo aspecto. Em seus estudos, Lévy (1999) observa também que a “ciberarte” relega seu autor a um segundo plano, ela requer do expectador novos critérios de apreciação e de conservação que entram muitas vezes em contradição com os hábitos atuais do mercado da arte, como a formação dos críticos e as práticas dos museus, e requer também novas formas de colaboração entre artistas, engenheiros e mecenas e público.

Para cada uma das modalidades, texto, música e imagem, a cibercultura faz surgir uma nova maneira de agir: a música se presta à navegação contínua por meio de hiperlinks; a imagem se abre à imersão, ganha profundidade e acolhe o explorador ou a coletividade envolvida com a construção de um universo de dados; o texto se transmuta em hipertextos que se conectam entre si para formar o plano hipertextual aberto e móvel.

A educação é a área que recebe de Lévy (1999) maior atenção. Ele descreve, em sua obra, mutações nas formas de ensinar e aprender, novas formas de acesso à informação e novos estilos de raciocínio e de conhecimento. As tecnologias intelectuais são objetivadas em documentos digitais ou programas disponíveis na rede e podem ser compartilhadas com

inúmeras pessoas, o que aumenta o potencial da inteligência coletiva dos grupos humanos. O papel do professor já não deve mais ser o de difusor de saberes, mas o de “animador da inteligência coletiva” dos estudantes, estimulando-os a trocar seus conhecimentos.

Lévy (1999) propõe duas grandes reformas nos sistemas de educação e formação: a primeira, diz respeito à inserção dos dispositivos e do espírito EAD — ensino aberto à distância — no cotidiano da educação, o que inclui as hipermídias, as redes de comunicação interativas e todas as tecnologias intelectuais da cibercultura. Mas a mudança essencial deve vir através de um novo estilo de pedagogia, que favoreça aprendizagens individuais personalizadas e coletivas na rede; a segunda reforma deve vir por meio do reconhecimento das experiências adquiridas. Considerando a progressiva perda do monopólio das escolas na construção do saber, os sistemas públicos de educação devem tomar para si a missão de orientar o indivíduo e de contribuir para o reconhecimento dos saberes pertencentes às pessoas. O pesquisador, então, propõe um método informatizado de gerenciamento global de competências — as árvores de conhecimentos —, que inclui tanto os conhecimentos especializados e teóricos, quanto os saberes básicos e práticos.

Com relação às cidades e ao desenvolvimento do ciberespaço, algumas questões são levantadas. Como o desenvolvimento do ciberespaço afeta o urbano e a organização dos territórios? Que procedimento ativo e positivo, que tipos de projetos podem ser criados para incrementar o uso das novas ferramentas de comunicação? Para responder as essas questões, Lévy (1999) cita algumas atitudes, que já estão sendo adotadas por alguns atores, tanto teóricos como práticos, como a enunciação das analogias entre as comunidades territoriais e as comunidades virtuais, a substituição ou troca das funções da cidade clássica pelos serviços e recursos técnicos do ciberespaço; a assimilação do ciberespaço a um equipamento urbano ou territorial clássico; e, por fim, a exploração dos diferentes tipos de articulação entre o

funcionamento urbano e as novas formas de inteligência coletiva que se desenvolvem no ciberespaço.

Em seu trabalho, Lévy (1999) explicita sua intenção de deixar de fora as questões econômicas e industriais, no entanto, não consegue se desvencilhar da teia de coalizões sociais, políticas e econômicas em que a técnica se insere e enaltece a “dialética das utopias e dos negócios”, numa referência à relação da cibercultura com a globalização econômica.

No próximo capítulo, tentaremos desenvolver um pequeno estudo sobre as comunidades virtuais, originadas a partir de todas essas transformações causadas pela expansão das novas práticas sociais comunicativas nas várias áreas sociais, artes, educação, cidade, economia, política etc.

1.4 BREVE HISTÓRICO DAS COMUNIDADES VIRTUAIS

A formação de grupos na Internet (SANTAELLA, 2004), remontam a uma época que já foi vivida historicamente: a do surgimento dos clubes, em meados do século XVIII. Foram eles que permitiram à burguesia criar diferenças específicas entre a linguagem íntima e o discurso público. Embora os agrupamentos da Internet sejam mais democráticos, supõem também uma divisão por áreas de interesses, fruto do nível cultural de seus participantes.

Para Lévy (1999), as comunidades virtuais, a primeira vista, podem parecer desterritorializadas, mas, na realidade, elas se fundam nas inter-relações da dimensão

comunicativa. O sentido produzido no circuito comunicativo, dentro destas comunidades, sofre interferências e interfere nas experiências dos sujeitos.

As comunidades virtuais, formadas a partir de interesses e objetivos comuns, diferentemente do que muitos pensam, não excluem de seu seio a responsabilidade individual, a opinião pública ou seu julgamento. Pelo contrário, elas desenvolveram uma forte moral social, um conjunto de leis não escritas que regem suas relações, principalmente no que diz respeito à pertinência das informações. Por exemplo: recomendam consultar a memória eletrônica antes de se manifestar, desencorajam a publicidade comercial, proibem ataques pessoais e termos pejorativos. Fora isso, a liberdade dentro dessas comunidades é sempre encorajada, pois os internautas são pessoas aversas(?) à qualquer forma de censura.

A vida de uma comunidade virtual raramente transcorre sem conflitos, que, às vezes, podem exprimir-se de forma bastante brutal nas contendas que eventualmente ocorrem. Por outro lado, afinidades, alianças intelectuais e amizades podem crescer entre seus membros, que vêem o outro como um ser humano, pois seu estilo, suas zonas de competência, suas eventuais tomadas de posição deixam transparecer sua personalidade.

Uma comunidade virtual, portanto, não é algo irreal ou imaginário, mas trata-se de um coletivo que se organiza por meio do correio eletrônico mundial, *chats* (canais de bate papos), sites (páginas da Internet) e se firmam e afirmam nos *blogs*, que nelas encontram suporte — e vice-versa — para se estabelecerem interagindo segundo interesses comuns, aumentando sua capacidade de armazenar informações, enriquecendo seus arquivos. É sobre os *blogs*, essa nova forma de comunicação *on-line*, que falaremos a seguir.

2 CONHECENDO O MUNDO DOS *BLOGS*

O que é um *blog*? A definição clássica afirma que *blog* é um diário mantido por qualquer um na Internet. O *blog*, no entanto, é um dos mais recentes espaços textuais na rbede, permitindo que qualquer pessoa com acesso à Internet publique, leia e comente textos dos mais variados tipos. Nos *blogs*, escritores e leitores podem dialogar constantemente, possibilitando que a escrita-leitura-interação ocorra. Denise Schittine, em seu livro *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet* (2004), afirma que *blog*, ou diário virtual, como também é chamado, é algo tão variado e complexo quanto à própria rede, já que é capaz de hospedar e exibir em sua superfície várias formas de textualidade como, por exemplo, imagens de vídeo, ícones animados, texto e som, todos interpostos ao mesmo tempo na tela, além de uma imensidão de *links* que, dispostos num mesmo local, faz com que as intenções de leitura sofram alterações freqüentes, dado a vastidão de caminhos que o leitor pode construir.

Lemos (apud DI LUCCIO, 2005) diz que o termo *weblog* — posteriormente reduzido a *blog* — foi criado por Jorn Barger, que, em seu site pessoal, explica ser o *blog* uma página da *Web*, na qual um blogueiro — palavra criada para definir quem mantém um *blog* — registra viagens, eventos outras páginas da *Web* ou textos considerados interessantes.

A passagem do diário tradicional do papel para o plano virtual, foi o ponto escolhido por Schittine (2004) para iniciar a investigação das mudanças ocorridas nas relações entre quem escreve o diário e quem o lê. Por mais que antes da Internet existisse um enorme desejo do diarista de ser lido, o que se observava era que, no diário íntimo, ele se dirigia, a princípio, apenas a si mesmo.

Para melhor entender o processo que fez com que o diário deixasse a esfera íntima, estritamente pessoal, para se abrir para a esfera pública, Schittine (2004) mergulhou na história dos “escritos íntimos”, que teve início com os livros de bordo, passando aos livros de contas das empresas familiares e depois às crônicas locais, chegando finalmente aos *blogs*, espaço no qual o diarista virtual decide se expor.

Segundo Schittine (2004), na história da humanidade, sempre houve a necessidade de anotar acontecimentos e decisões do presente para ver como influenciariam o futuro, fato que teve início com os livros de bordo, passando aos livros de contas das empresas familiares e depois às crônicas locais. O diário então sempre teve uma função mais social que familiar, mas o tempo trouxe o individualismo e com ele a diminuição da memória e o diário passou a ser uma necessidade do indivíduo. E, durante muito tempo, o diário foi um marco da defesa da intimidade do indivíduo, seu caráter privado tornou-se um traço forte e conformador da escrita íntima desde o Renascimento europeu.

A passagem do diário no papel para o diário virtual aconteceu de forma progressiva, as pessoas começaram escrevendo seus diários nas telas do computador, ganharam familiaridade com a tipografia, as limitações e os recursos do teclado, dominaram a técnica de colocar textos e fotos na *Web*, até que começaram a escrever para a Internet. Esse novo suporte permite ao diarista registrar com maior rapidez o presente, e permite também mudá-lo com a mesma rapidez. A princípio, o autor utiliza o *blog* como um desses mecanismos que vão ajudá-lo a arquivar a própria memória — um “guarda-memória”, na expressão de Philippe Lejeune (apud SCHITTINE, 2004).

Esse novo tipo de diário íntimo funciona dentro de um meio de comunicação, a Internet, o que permite, pela rapidez e compressão do tempo, armazenar o máximo de informação no mínimo de tempo. Ele é capaz de acompanhar o fluxo de pensamentos do

indivíduo, garante o armazenamento artificial deles, mas não garante que o próprio indivíduo seja capaz de lembrá-los depois.

O diário *on-line*, ou *blog*, por sua extraordinária facilidade de uso e pelo baixo custo que apresenta, a cada dia conquista mais adeptos que vão desde adolescentes às empresas de comunicação, empresários, jornalistas e até políticos.

2.1 UMA FERRAMENTA AO ALCANCE DE TODOS

A popularização desse meio de comunicação na rede, segundo Schittine (2004), deu-se de forma rápida, principalmente, pelas facilidades que apresenta para sua confecção e manutenção, dispensando custos e conhecimentos de programação, bem como possibilidades para publicação de textos e imagens.

Schittine (2004) também afirma que o uso das ferramentas do computador facilita e muito a tarefa de manter um *blog*. Reescrever o texto à mão, fazer emendas e rasuras era, na verdade, muito trabalhoso, mas o mecanismo “copiar e colar” do editor de texto torna as coisas mais fáceis e limpar visualmente. Há também outras maneiras de inserir trechos sem que eles influenciem o corpo do texto principal que é por meio de *links*. São eles que abrem portas para outras páginas da *Web*. Além de servirem como um esquema de memória para o próprio diarista, os *links* se entrelaçam ao texto, criam novas encruzilhadas e apontam para novos caminhos a serem seguidos.

O diálogo tão procurado pelo diarista virtual pode ser estabelecido por intermédio do link *comments*, um dos grandes responsáveis pela interação entre autores e leitores. Esse

link, ao ser clicado abre uma janela na qual os leitores podem fazer seus comentários, críticas ou sugestões a respeito dos textos lidos, e, ali também, os autores podem responder aos leitores, interagindo com eles.

A grande maioria dos *blogs* é composta por textos, imagens e códigos, lingüísticos ou não, desenhos ou símbolos. Na página inicial, normalmente, encontramos o nome do *blog* e seu endereço e, muitas vezes, uma citação definindo o *blog* ou seu autor. Também podemos encontrar aí fotos do autor, desenhos animados, fotos de artistas famosos, cenas de filmes, algo que caracterize seu produtor, *links* que exibem tradução do *blog* em outras línguas ou que levem a outros blogs, enfim, trata-se de uma corrente sem fim.

Além da facilidade na confecção, podemos dizer que o outro o estímulo que leva uma pessoa a confeccionar um *blog* parece ser a interação. Interagir com os leitores de seus diários e o *voyeurismo* e o individualismo, caracterizados por Schittine (2004) quase narcíseo, são os motivos que levam o blogueiro a se expor, a contar seus segredos, a revelar sua vida íntima de todos os dias a outras pessoas. Diz Schittine:

Seria um exibicionismo? Não, provavelmente é mais um fruto do individualismo quase narcíseo que faz com que o diarista pense no outro como uma platéia para sua vida. Na maior parte das vezes, a ilusão de se dirigir a outro é apenas um pretexto para falar apenas de si... É um exibicionismo tímido, mas que no fundo tem o objetivo de tornar público mais do que a vida, idéias privadas que nunca teria difusão ou platéia que não por meio da Internet. Expressar-se com liberdade para o público e seduzi-lo são benefícios que o diário tradicional não podia proporcionar diretamente ao seu autor.”(SCHITTINE, 2004, p.66).

Os *blogs* parecem fazer com que uma vida comum se transforme em algo atraente e glamuroso. Sobre essa necessidade de ser lido, Lejeune (apud SCHITTINE, 2004) já havia falado, em vários estudos e, principalmente no seu livro *Cher écran...*, onde começou a estudar um grupo de diaristas que escrevia seu diário no computador e alguns dentre eles que o colocavam em rede. De acordo com Lejeune (apud SCHITTINE, 2004),

a internet abre pra o diarista a possibilidade de ser lido sem que, no entanto, precise desenvolver relações face a face com seus leitores, um público formado por desconhecidos. Essa possibilidade é encorajadora para quem começa a escrever.

Já os motivos que levam o público a acessar cada vez mais os *blogs* e que faz a “comunidade de blogueiros” estar sempre conectada são das mais diferentes ordens: curiosidade, hábito de “fazer a ronda”, necessidade de encontrar amigos ou pessoas com quem se pareçam emocionalmente, estabelecer uma cumplicidade etc. O computador permite ao autor do escrito íntimo realizar um desejo que jamais poderia ter sido realizado através de outro meio de comunicação: o de se expor sem se identificar. A opinião do outro, tão importante para quem escreve, pode ser conhecida sem que o autor precise ter contado direto como leitor. Desta forma, os sentimentos pessoais, íntimos podem também ser encontrados em outras pessoas, justamente aqueles “estranhos” a quem o autor tanto teme. A opacidade da tela permite aos diaristas encontrar seus semelhantes sem que para isso precisem ter um contato direto com eles.

Segundo a revista *ÉPOCA*, edição de 31 de julho de 2006, o tamanho da blogosfera — a multidão de *blogs* que se entrecruzam e se relacionam — é impressionante. Hoje, o número de *blogs* em todos os idiomas é sessenta vezes maior do que há três anos e já ultrapassou a marca de quarenta milhões de páginas. A disseminação dos *blogs* levanta questões a respeito das funções que eles vêm desempenhando na atualidade, tanto na vida dos que escrevem como na dos que lêem os *blogs*. Além dos *blogs* como diários virtuais, uma outra função, observada por Schittine (2004) e outros estudiosos, aponta os *blogs* como um novo tipo de jornalismo *on-line*. Seria, portanto, o jornalismo uma das principais funções dos *blogs* na Internet nos dias de hoje?

2.2 JORNALISMO COM LIBERDADE

A cibercultura coloca em questão muitos dos valores já estabelecidos pela nossa sociedade: questiona o poder centralizador do Estado, bem como seu poder de censura. Ela permite a todos os indivíduos uma liberdade de expressão sem precedentes na História, ao mesmo tempo liberta músicos, escritores e artistas em geral das restrições impostas por periódicos, editoras, gravadoras, museus.

Os *blogs* constituem espaço onde os escritores se expressam livremente, escolhem seus temas de publicação, sem regras pré-estabelecidas, divulgam seus textos e interagem com seus leitores. Schittine (2004), em seu trabalho, defende que o *blog* também pode desenvolver um novo tipo de jornalismo *on-line*, ele pode ser a oportunidade de veicular uma notícia, antes mesmo dos meios de comunicação tradicionais, com muito mais liberdade e sem preocupação com editores, críticos, prazos ou espaço para publicação de seus textos. Atualmente, como jornalismo, os *blogs* funcionam como fonte de informação relevante e, segundo afirma Recuero (apud SCHITTINE, 2004), apresentam uma quebra de paradigmas no jornalismo contemporâneo.

Apesar de concentrar seus estudos nos diaristas virtuais. Schittine (2004) faz uma breve descrição do *blog* como relato jornalístico. Ela nos diz que o *blog* pode ser uma oportunidade de veicular uma notícia antes mesmo dos meios de comunicação tradicionais. O mais relevante e interessante é que os blogueiros, podem publicar uma notícia com liberdade e sem a preocupação com editores, críticos, prazos ou espaço para publicação de seus textos.

A pesquisadora chama esses blogueiros de “editores autônomos” e observa:

Essa situação vem confirmar mais uma vez as conclusões de Cora Rónai quando diz que muitos Blogueiros viraram ou estão virando jornalistas sem saber. Esse é um desejo da grande maioria dos diaristas virtuais que sonha em poder exercer a função de jornalista — ou colunista, mais especificamente — sem ter de sofrer as agruras de ter o texto cortado ou reescrito por um editor. O objetivo de uma grande parte dos Blogueiros é o de funcionar como formadores de opinião” (SCHITTINE, 2004, p.160)

A pesquisadora Silva (apud DI LUCCIO, 2005) da Universidade Federal da Bahia alega que cada Blogueiro, com ou sem formação jornalística, pode ser considerado um emissor de informação. A partir do *blog* como uma forma de jornalismo, existe uma personalização e um controle da informação publicada pelo blogueiro Silva (apud SCHITTINE, 2004) diz que “graças à agilidade e ao poder das ferramentas de editoração, cada blogueiro pode ser considerado um emissor, fato que provoca certa reflexão sobre o futuro do jornalismo on-line..

Recuero (apud SCHITTINE, 2004) afirma que jornalista ou o *blogueiro* é livre. Ele detém o controle sobre o que vai ser publicado, como e quando será publicado e, na maioria das vezes, usa linguagem informal e estilo pessoal. Ele conta com a liberdade de não ver seus textos escritos passarem pelo crivo de um revisor ou editor jornalístico.

O jornalista/blogueiro — termo criado para se referir a qualquer pessoa, com ou sem formação jornalística, que confeccione e mantenha um *blog* com conteúdo jornalístico — pode usar um espaço do *blog* para potencializar seu trabalho, compartilhar e trocar idéias com leitores e outros blogueiros e também obter um *feedback* a respeito das matérias que publica.

Há outros tipos de *blogs* jornalísticos: o *blogzine*, considerado um apanhado de vários temas como, por exemplo, matérias jornalísticas, esportivas, econômicas, informações culturais, conselhos de beleza, moda, decoração notícias do país e do mundo etc, como assim o define Recuero (apud SCHITTINE, 2004), e o *blog* literário, que também está se difundindo rapidamente e, por meio do qual, alguns blogueiros vêm se destacando como os “novos escritores”, pois a mídia, impressa e *on-line*, têm divulgado livros publicados por esses blogueiros.

Certamente, ainda não podemos ter a dimensão dos reais impactos que os *blogs* jornalísticos estão tendo na mídia brasileira. No entanto, podemos afirmar que eles já fazem parte da vida e da rotina de muitos jornalistas, colunistas e usuários de Internet, e principalmente de alguns políticos que usam a ferramenta para interagir com o eleitor, divulgar suas ações e projetos, comunicar a ideologia, conquistar eleitores, tudo de maneira rápida e eficaz.

2.3 O *BLOG* COMO SUPORTE POLÍTICO

Os *blogs* como um novo tipo de jornalismo e com foco especial em temas políticos se destacaram no final de 2002, quando um iraquiano de 29 anos, residente em Bagdá, decidiu narrar em seu *blog* o dia-a-dia da guerra do Iraque, tornando-se então referência e fonte para a mídia do mundo inteiro. O blogueiro, com o pseudônimo Salam Pax, com seu discurso pessoal em seu *blog* *Where is Raed*, iniciado em setembro de 2002, virou símbolo e referência. Seu *blog* foi mantido por pouco mais de um ano. Sua popularidade foi tão intensa que se tornou

livro em outubro de 2003. Os conflitos no Iraque também movimentaram a Internet, trazendo, inclusive, uma série de diários escritos por soldados no campo de batalha.

De lá para cá, o *blog* político tem feito grande sucesso, que foi creditado pela revista ÉPOCA, Nº. 426, de 31 de julho de 2006, ao espaço que oferece para o debate.

Recuero (apud DI LUCCIA, 2005) chamou os *blogs* jornalísticos, que tinham como tema central a guerra do Iraque, de *warblogs* e os classificou como oficiais — os *warblogs* escritos por jornalistas ligados a alguma instituição — e não-oficiais — os *warblogs* escritos por indivíduos que não estavam vinculados à mídia.

Além da guerra do Iraque, um outro fato confirmou a presença e a importância dos *blogs* políticos na contemporaneidade. De acordo com *website* de notícias *Blue Bus*, de 11 de maio de 2004, Convenção Nacional Democrata, realizada nos Estados Unidos, em julho de 2004, formalizou a indicação de John Kerry como candidato do partido a Casa Branca. Parte das quinze mil credenciais destinadas à imprensa foi distribuída a blogueiros durante a Convenção. Além disso, o estrategista político Joe Trippi, chefe de campanha de Howard Dean, apostou fortemente na Internet certo de que *blogs* na Convenção ajudaria a atrair eleitores jovens. Howard Dean foi o primeiro político a descobrir o poder políticos do *blogs*, ele surpreendeu a América ao conseguir levantar mais de sete milhões de dólares com seu *blog* chamado *Blogs for América*. Os seguidores de Howard espalharam seus discursos por meio de *blogs*, e os especialistas em eleições tiveram que prestar muita atenção a este fato.

Nos EUA, os *blogs* políticos fizeram história na eleição presidencial. Vários deles abriram espaço para publicidade e, no final da campanha, segundo o jornal *The New York Times*, chegaram a faturar dez mil dólares por mês. Nos EUA, a crítica ao vivo dos debates presidenciais foi uma das ações de repercussão dos blogueiros.

Um dos mais poderosos colunistas políticos do EUA é um jovem que cresceu em El Salvador, serviu o exército americano e nunca havia trabalhado com jornalismo antes. Segundo o *Technorati*, na última semana de agosto de 2006, ele foi considerado o quarto mais popular blogueiro do mundo. O *Blog de Kos*, como é chamado Markos Moulitsas Zúniga, iniciou-se basicamente como um site de denúncias contra o governo Bush, hoje é uma comunidade dedicada a devolver o poder ao partido democrata.

No Brasil, o quadro não é diferente. A partir dos eventos descritos anteriormente, as grandes instituições jornalísticas brasileiras passaram a encarar os *blogs* como ferramentas poderosas para divulgar notícias e conquistar leitores.

O jornalista Noblat obteve sua popularidade durante a cobertura que tem feito sobre a crise política vivida no Governo Lula, que começou a ser exibida pela mídia em maio de 2005. Seu *blog* costuma abordar os mesmos assuntos discutidos em suas colunas, no entanto, os textos são mais informais e pessoais e é o espaço em que tem a oportunidade de discutir e interagir com os leitores. Essa interação acontece por meio do *link* comentário que é muito frequentado, além da participação do leitor em outros *links* e em enquetes. Noblat tem mostrado que é possível fazer uma cobertura política séria e digna de confiança por meio do *blog*, atualmente, citado por políticos e outros jornalistas da mídia como referência de informação e notícias. Mas, para Noblat, o Governo brasileiro ainda possui certa dificuldade de abrir espaço para os jornalistas/blogueiros em suas coletivas para a imprensa. Ele cita em seu *blog* uma entrevista coletiva oferecida pelo Presidente Lula, na qual o Governo não permitiu que nenhum jornalista de *sites* e *blogs* fizesse perguntas.

A seguir, podemos observar a página inicial do *blog* do jornalista/blogueiro

Noblat:

Figura 1. Reprodução da tela inicial do *Blog do Noblat*



Fonte: www.blogdonoblat.com.br. Acesso em 29 de setembro de 2006.

Na esteira do sucesso de Noblat, surgiram os *blogs* de Josias de Souza e Fernando Rodrigues, da Folha de S.Paulo, e Jorge Bastos Moreno, de O GLOBO.

Segundo o jornal FOLHA ONLINE, matéria de 8/2/2005, outro blogueiro atento à política, o paulistano Marcelo Tas, o *Blog do Tas*, vem dividindo com Noblat algumas das experiências formais no gênero. Ambos, durante a campanha municipal em São Paulo, fizeram *live blogging*: blogaram ao vivo seus comentários sobre os debates em São Paulo.

Para Tas, seu *blog*, com cerca de um ano de prioridade à interação, comprovou aquilo que já tinha experimentado antes, no rádio e na televisão: "A molecada quer falar de política, quer falar do que está rolando no mundo."

Encontrar um local de debate político construtivo na Internet segue sendo uma tarefa difícil. Apesar da maturidade da rede, a vulgaridade e o extremismo são frequentemente a norma em muitas salas de bate-papo e listas de discussão sobre política.

Na opinião do professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Tom Dwyer, o fenômeno dos *blogs* políticos ocorreu pela comodidade da comunicação moderna. Mas ele olha com certo desânimo para a relação do político com a Internet. "Os políticos têm uma relação superficial com a Internet. Eles não têm controle das situações que podem acontecer em um *site* aberto a comentários. É como em um comício. O político sente que pode perder o controle e não gosta muito disso", diz.

Segundo o jornal FOLHA ONLINE, no Brasil, já há vários parlamentares usando *blogs* para falar com os eleitores. É o caso da vereadora Soninha (www.soninha.com.br) e do senador Cristovam Buarque (www.cristovam.com.br/blog) e do Deputado Federal Inácio Arruda (www.inacio.com.br/blog.php). Também é possível ler *blogs* de vários representantes do PSDB, de São Paulo, no portal da liderança do partido, na Assembléia Legislativa. O Deputado Fernando Gabeira, político que também mantém um *blog*, foco principal do nosso estudo, acredita que juntas a Internet e a política podem ser um instrumento maravilhoso, o meio ideal para impulsionar projetos, alcançar objetivos, lutar pelas minorias, defender o desenvolvimento sustentado. O *blog* do Deputado Fernando Gabeira é o objeto desse estudo, mais especificamente a linguagem que desenvolve e as ferramentas que utiliza na sua construção, mas antes de nos atermos à análise em questão, faz-se necessário delimitar e citar os fundamentos teóricos nos quais nos baseamos para realizá-la.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para investigar, nas formas de linguagem presentes no *Blog do Gabeira*, como é construído, por meio do diálogo e da interação, o posicionamento político e ideológico do Deputado, inicialmente recorreremos ao trabalho de Santaella (2001), que muito bem caracterizou uma das faces fundamentais da cibercultura, a hipermídia, cujos traços serão correlacionados à linguagem do *blog*. A seguir, buscaremos identificar, por meio do arcabouço teórico de Bakhtin (1997), nas práticas sociais com a linguagem utilizadas no *Blog do Gabeira*, recorrência dos elementos constitutivos do conceito de dialogismo e da intertextualidade, segundo estudos de Bakhtin e Kristeva (FAIRCLOUGH, 2001), essenciais na confecção desse novo gênero discursivo.

No entanto, antes de proceder à análise propriamente dita, apresentaremos as fundamentações teóricas que serão usaremos como base no estudo. Num primeiro momento, vamos tratar da hipermídia e das características que a definem, depois seguiremos estudando o dialogismo e, por último, a intertextualidade.

3.1 OS QUATRO TRAÇOS FUNDAMENTAIS DEFINIDORES DA HIPERMÍDIA

A fim de proceder a análise da linguagem constante do *Blog do Gabeira*, recorreremos à obra de Santaella (2004) sobre o ciberespaço, focalizando os traços que definem linguagem no universo *on-line*, o que nos permitirá identificar mecanismos de linguagem

usados pelo produtor do *blog* a fim de alcançar o objetivo a que se propôs, considerando que os traços definidores da hipermídia, identificados por Santaella (2004), não se referem aos possíveis conteúdos das hipermídias, mas sim aos traços gerais que a configuram como linguagem, o que permite serem eles aplicados a qualquer tipo específico de hipermídia. Portanto, tomando como base um suporte CD-ROM, Santaella (2001) concluiu que há pelo menos quatro traços definidores da hipermídia.

O primeiro traço se encontra na hibridização das linguagens, sígnos, códigos e mídias que a hipermídia aciona e, conseqüentemente, na mistura dos sentidos que é capaz de produzir, na medida em que o leitor interage com ela, cooperando na sua realização. A hipermídia mistura textos, imagens; movimentos, sons, vídeos, tudo em um complexo. Ou seja, o texto na internet é constituído por diversos gêneros discursivos que se unem para estabelecer a comunicação.

O segundo traço diz respeito à capacidade de armazenar informações, porque além de permitir a mistura de todas as linguagens em um mesmo ambiente, a digitalização também permite a organização das informações em hipertextos. Informações que podem, por meio da interação do usuário, transmutar-se em várias versões virtuais, que nascem na mesma medida em que o receptor se coloca como co-autor do processo. Isso, no entanto, só é possível devido ao caráter hiper, não seqüencial, multidimensional, que dá suporte às infinitas opções do leitor.

Outro traço da hipermídia trata da forma como é construída a linguagem que consiste de fragmentos de textos. Nós e nexos são os tijolos, as unidades básicas da informação de em um hipertexto. Cada vez menos os hiperdocumentos são constituídos apenas de texto verbal, mas estão integrados em tecnologias que são capazes de produzir e disponibilizar som, fala, ruído, desenhos, fotos. Um nó pode ser um capítulo, uma seção, uma tabela etc. A

hipermídia então é uma linguagem que deve ser lida por meio de buscas, descobertas e escolhas.

O último traço fundamental da hipermídia é a interação. O leitor não pode estar de modo reativo ou passivo diante da hipermídia, pois ao final de cada página ou tela, é preciso escolher para onde seguir. É ele, o usuário, que, ao construir a própria rede na Internet, determina qual informação deve ser vista, em que seqüência e por quanto tempo. Quanto maior a interatividade, mais profunda será a experiência do leitor.

A correlação feita entre os mecanismos de linguagem constitutivos do *Blog do Gabeira* e os traços acima mencionados e que dará a resposta às questões que buscamos pesquisar nesta análise.

3.2 CONCEITUANDO DIALOGISMO

As práticas discursivas que ocorrem nos *blogs* em geral nos orientam para uma compreensão dos aspectos dialógicos e intertextuais, o que nos leva a buscar nos estudos formulados por Bakhtin a sustentação para a análise em questão.

Para Bakhtin (1997), o discurso não se constrói sobre ele mesmo, mas se elabora a partir de um outro. Suas obras revelam que seu pensamento, apesar de plural, prima pela centralidade da linguagem, cujo método de análise é a dialética. Dialogismo, portanto, conceito que permeia toda a sua obra, é o princípio constitutivo da linguagem, o que quer dizer que toda a vida da linguagem, em qualquer campo, está impregnada de relações dialógicas. A concepção dialógica contém a idéia de relatividade da autoria individual e, conseqüentemente,

o destaque do caráter coletivo, social da produção de idéias e textos. Na linguagem bakhtiniana, o próprio humano é um intertexto, sua experiência de vida se tece, entrecruza-se e interpenetra com o outro. As palavras de um falante estão sempre e, inevitavelmente, atravessadas pelas palavras do outro: o discurso elaborado pelo falante se constitui também do discurso do outro que o atravessa, condicionando o discurso do eu, ou seja, a noção do eu nunca é individual, mas social.

Ainda sobre a palavra diálogo, é possível dizer que, além do seu sentido estrito — o ato de fala entre duas ou mais pessoas —, ela possui um sentido amplo, ou seja, qualquer tipo de comunicação verbal, oral ou escrita, exterior ou interior, manifestada ou não, é considerada diálogo. À idéia de diálogo, agrega-se um outro elemento que não se refere apenas à fala em voz alta de duas pessoas, mas a um discurso interior, do qual se emanam as várias e inesgotáveis enunciações, determinadas pelo emissor e pelo receptor.

Dessa maneira, as formas estereotipadas no discurso da vida cotidiana respondem por um discurso social que as consolida, ou seja, possuem um auditório organizado que mantém a sua permanência, refletindo, assim, ideologicamente a composição social do grupo, evidência da afirmação de Bakhtin ao dizer que “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” ou “todo signo é ideológico”. É a idéia da palavra em movimento, o poder da palavra. Através da palavra, os sujeitos são postos em ação para reproduzir ou mudar o social.

3.3 CONCEITUANDO INTERTEXTUALIDADE

Os textos são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos: um artigo de jornal é produzido mediante rotinas complexas de natureza coletiva por um grupo cujos membros estão envolvidos variavelmente em seus diferentes estágios de produção. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 107)

Quanto à intertextualidade, Fairclough (2001) diz ser ela é basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que não podem ser delimitados explicitamente ou mesclados. O texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante. Para Bakhtin (apud FAIRCLOUGH, 2001), todos os enunciados, oral ou escrito, de uma breve conversa a um artigo científico, são demarcados por uma mudança de falante e orientados para enunciados de falantes anteriores. Assim, cada enunciado é um elo nas “cadeias de comunicação verbal”, consistindo em textos prévios aos quais respondem. Fairclough (2001) considera os textos inerentemente intertextuais, constituídos por elementos de outros textos. Assim sendo, uma perspectiva intertextual é útil na exploração de redes relativamente estáveis em que os textos se movimentam, sofrendo transformações predizíveis ao mudarem de um tipo de texto a outro — por exemplo, os discursos políticos frequentemente se transformam em reportagens —, e é também útil ao acentuar que não é apenas ‘o texto’, nem mesmo apenas os textos que intertextualmente o constituem, que moldam a interpretação, mas também os outros textos que os leitores variavelmente trazem ao processo de interpretação.

Kristeva (apud FAIRCLOUGH, 2001) observa que intertextualidade implica a “inserção da história (sociedade) em um texto e deste texto na história”. Por inserção da história em um texto, ela quer dizer que o texto é construído por textos do passado; por

inserção do texto na história, ela quer dizer que o texto responde, reacentua e retrabalha textos passados, ajudando a fazer história e contribuindo para processos de mudança mais amplos.

A distinção entre as relações intertextuais de textos com outros textos específicos e as relações intertextuais de textos com as convenções, relaciona-se a uma outra distinção: a intertextualidade manifesta e a intertextualidade constitutiva, segundo Authier-Révuz, Maingueneau (apud FAIRCLOUGH, 2001). A intertextualidade manifesta acontece quando o texto recorre explicitamente a outros textos específicos, ou seja, a constituição heterogênea de texto por meio de outros textos específicos. A intertextualidade constitutiva ou interdiscursividade é aquela que estende a intertextualidade em direção ao princípio da primazia da ordem de discurso, ou seja, a constituição heterogênea de textos por meio de elementos das ordens de discurso.

Portanto, segundo Fairclough (2001), a intertextualidade implica uma ênfase sobre a natureza heterogenia do texto e também um modo de análise que ressalta os elementos contraditórios que contribuem para compor um texto.

Sendo assim, com base nas teorias apresentadas, passamos à análise do *Blog do Gabeira*, localizado no site <http://www.gabeira.com.br/blog/>,

4 O BLOG DO GABEIRA

Fernando Paulo Nagle Gabeira, mineiro de Juiz de Fora e carioca por opção, é jornalista, escritor, Deputado Federal, está no seu terceiro mandato, e dono de uma trajetória única na história política do País. Gabeira sempre teve participação marcante na vida política brasileira e hoje luta pela reconstrução da ética no Congresso Nacional. O ex-guerrilheiro, que voltou anistiado e com a cabeça cheia de temas avançados demais para o Brasil, como ecologia, sexualidade, drogas, é considerado por muitos como “a face avançada da esquerda mundial”, como alguém que não nega a modernidade.

Coerente com a imagem, Gabeira, atualmente, utiliza a Internet para agilizar a política e impulsionar idéias, causas e projetos. Seu *site* pessoal, que já existe desde 1994, foi transformado em um portal que reúne um *blog*, atualizado diariamente pelo Deputado, notícias que tem a ver com suas áreas de atuação — ecologia, direitos humanos, combate á corrupção, política, relações internacionais e outras — e informações sobre suas atividades na Câmara dos Deputados.

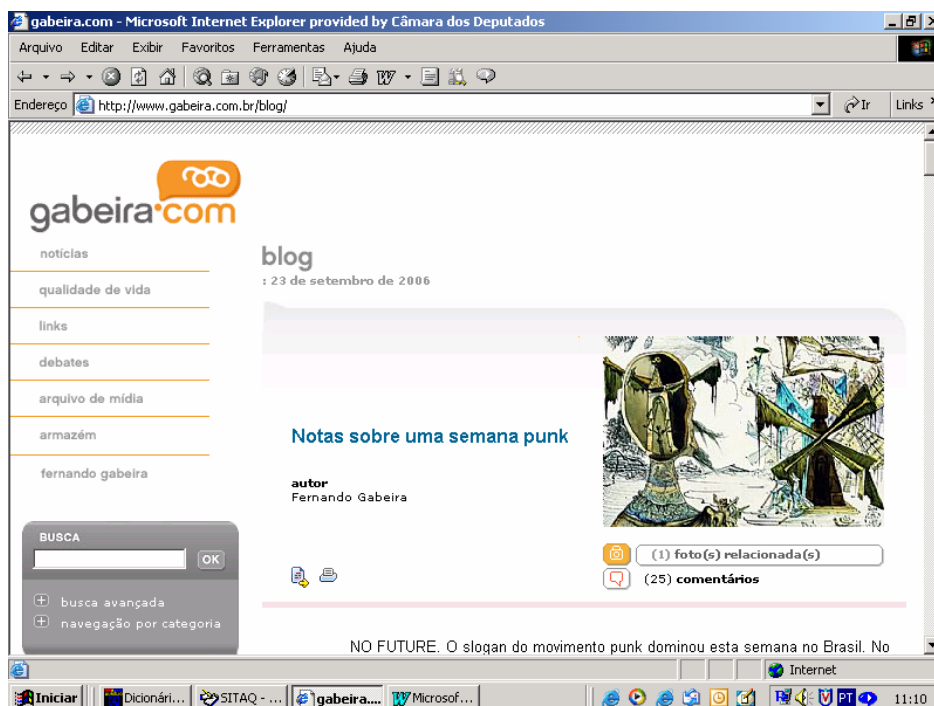
O portal abriga também dois subsites, o *Cidade Sustentável*, que divulga iniciativas de desenvolvimento sustentável em cidades em todo o mundo, e o *E-legalize*, que discute a legalização da maconha, uma das propostas polêmicas de Gabeira.

A pesquisa a que me proponho focalizará, para maior clareza, a publicação de autoria do Deputado do dia 23 de setembro de 2006, cujo título é *Notas sobre uma semana punk*. Antes, porém, creio ser necessário fazer uma breve descrição da página, para melhor contextualizar o trabalho.

4.1 QUANTO AO FORMATO DA PÁGINA

Ao nos depararmos com a página inicial do *Blog do Gabeira*, podemos ver que ela se constrói de forma a permitir ao leitor maior visibilidade além de uma participação ativa nos processos comunicativos, o que ocorre por meio da linguagem híbrida constituída por textos, imagens e códigos, desenhos, fotolog — álbum de fotos. Os ícones que ali estão, ao serem clicados pelo mouse, levam o leitor às páginas “notícias”, “arquivos da mídia”, “debates”, “qualidade de vida”, “armazém” — onde é possível adquirir os livros do autor —, além de vídeos, por meio dos quais podemos ouvir discursos, debates etc. Enfim, partindo dali, percorrendo caminhos antes percorridos pelo autor, é possível ao leitor desenvolver uma rede única e pessoal de maneira interativa.

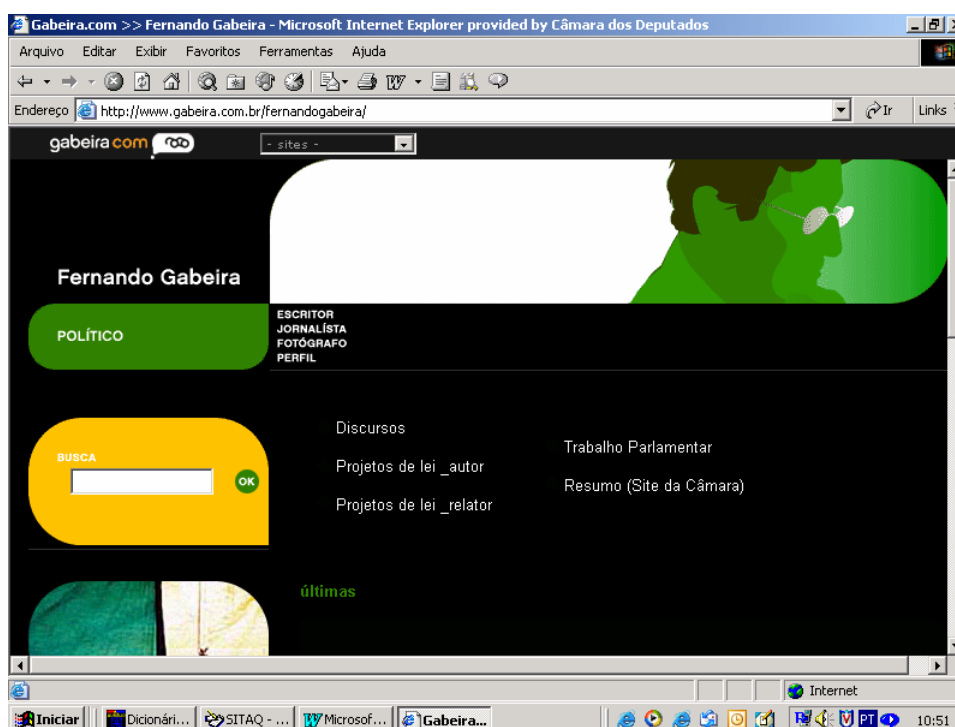
Figura 2. Reprodução da tela inicial do *Blog do Gabeira*.



Fonte: www.gabeira.com.br/blog/. Acesso em 23 de setembro de 2006

A página perfil é uma marca lingüística que possibilita ao leitor conhecer um pouco sobre a identidade do Deputado, sua formação profissional, suas referências culturais, enfim,... Se não define, ela pelo menos sinaliza qual a posição escolhida pelo Deputado Fernando Gabeira dentro do atual quadro político do País.

Figura 3: Reprodução da página perfil.



Fonte: *Blog do Gabeira*. Acesso em 23 de setembro de 2006

Gabeira, como qualquer blogueiro, adiciona sua publicação mais recente no centro da página. Na parte superior, acima do texto, podemos encontrar o data e hora da publicação, o título e nome do escritor. O internauta pode acompanhar o *blog* lendo publicações de forma cronologicamente inversa, ou seja, da publicação mais recente para a mais antiga. À direita e acima de cada publicação, estão os ícones fotos relacionadas; mídias relacionadas e o ícone comentários, um dos grandes responsáveis pela interação entre Deputado e leitor.

Comum a todos os *blogs*, os arquivos no *Blog do Gabeira* aparecem colados uns aos outros; os assuntos estão juntos numa mesma página. A página virtual, continuada, permite abarcar desde histórias interessantes até impressões do Deputado/diarista, sonhos, viagens, comentários sobre política, meio ambiente, música, filmes etc.

A página é fragmentária porque é coletiva, inclui contribuições não só do Deputado como de outros escritores, jornalistas e de seus leitores. A Internet possibilita e exige uma escrita sem formalidades e, acima de tudo, fragmentária. Por necessitar escrever *posts* freqüentemente, o Deputado produz textos rápidos e em cápsulas que, de certa forma, serve também para prender a atenção do leitor. Para manter o contato com o outro, ele faz uso da escrita mais informal, em tom de diálogo mesmo, como instituído pelos blogueiros. Aqui estão alguns elementos como: o *link* slides o site Cidade Sustentável, entrevista realizada com o Deputado Gabeira, que constituem a página do *blog*.

Figura 4: Representação do *Blog do Gabeira*: Fonte: www.gabeira.com.br/blog/. Acesso em 6 de outubro de 2006.

slideshow
HAITI

Uma conversa franca com Fernando Gabeira

autor
Sidney Rezende

Blog
Entrevista - Fernando Gabeira
Rio - "Queria agradecer a todos, aos que trabalharam pela internet, aqueles que sorriram e acenaram para mim nas ruas, e...
incluído há 5 dias
..

CATEGORIAS MAIS VISITADAS

- gabeira
- política
- meio ambiente
- direitos humanos
- águas
- saúde
- política externa

O *Blog do Gabeira* é um arquivo pessoal e plural. Pessoal porque ali estão suas viagens, sua impressão do mundo, seus sentimentos, etc; e plural porque o *blog* possui relatos, matérias, informações de interesse coletivo além de texto, impressões e sentimentos de outros escritores, em arquivos de mídia com fotos, entrevistas, os vídeos, sites e *links* que guardam não só de sua história pessoal, como a história do Brasil e do mundo, assuntos de interesse coletivo, como podemos ver a seguir.

Figura 5: Representação do *Blog do Gabeira*: Fonte: www.gabeira.com.br/blog/. Acesso em 6 de outubro de 2006.



4.3 ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM

Ao analisar as práticas sociais de linguagens presentes no *Blog do Gabeira*, buscamos encontrar na mistura dos textos, nos *links* e arquivos, na maneira como é construído o *blog* e nas formas interativas marcas lingüísticas que nos permitam identificar os traços que definem a hipermídia, desenvolvidos por Santaella (2001, p.389 – 412) e já citados no capítulo destinado à teoria.

A correlação realizada, evidencia a dinâmica existente no processo comunicativo, ressaltada pela natureza híbrida das construções dos enunciados produzidos no *Blog do Gabeira*. O uso de diversos gêneros discursivos — como o relato que Gabeira faz de sua passagem por Tiradentes, as fotos que trouxe para seu *blog* ou como o textos escrito por Luiz Fernando quando comenta a opinião de Gabeira sobre a eleição de Maluf para a Câmara dos Deputados, há ainda desenhos debates etc —, ressalta o hibridismo, condição estrutural dos textos comumente produzidos nos *blogs*. Enfim, a diversidade de gênero textual do *blog* convida o leitor a viajar por textos, imagens e sons.

Figura 6: Representação do *Blog do Gabeira*: Fonte: www.gabeira.com.br/blog/. Acesso em 6 de outubro de 2006.





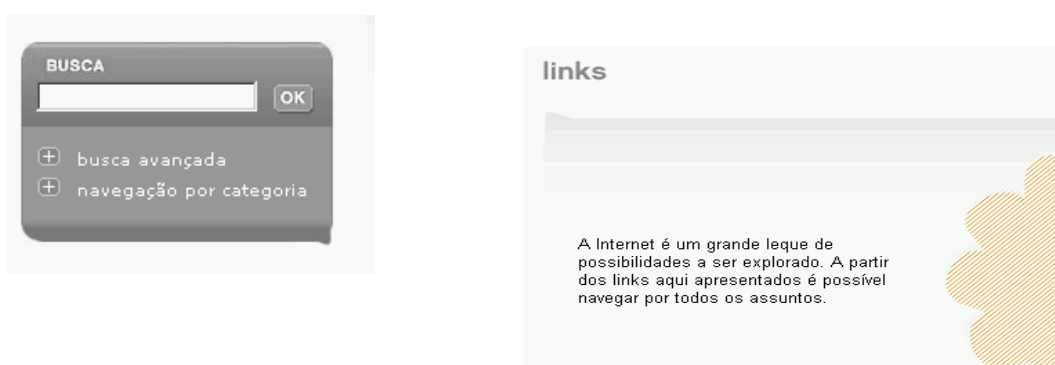
A capacidade de armazenar informações está preservada em toda a estrutura do *blog*, por meio de *links*, arquivos, como pudemos ver no exemplo acima, principalmente, pela participação ativa do leitor. À medida que o internauta se posiciona como co-autor e navega pelo *Blog do Gabeira*, defronta-se com as inúmeras versões virtuais de informações armazenadas, o que só é possível devido à estrutura de caráter hiper, não seqüencial, multidimensional, que dá suporte às infinitas opções do leitor. No *Blog do Gabeira*, os arquivos lembram o mundo em que vive o Deputado, podemos ver ali fases de sua vida, características de sua personalidade, seus pensamentos e sentimentos sobre várias questões que o perturbam, nos textos que escreve, nas fotos que tira, nas lutas que trava. Muitas dessas informações pertencem a uma memória geral, mas, por opção do blogueiro, estão guardadas em seu arquivo pessoal.

Estimulado pela linguagem híbrida do *Blog do Gabeira*, pela variedade de signos e mídias que apresenta, o internauta usa o mouse para navegar no texto construindo sua própria rede de informações. Ali é possível aprender mais sobre suas próprias possibilidades ao desenvolver habilidades comunicativas e também compreender melhor a ideologia do blog e conhecer a posição política assumida pelo Deputado Fernando Gabeira dentro do Congresso

Nacional e no Brasil como no mundo em geral por meio do conteúdo dos arquivos, textos, das fotos, dos debates, das denúncias etc.

A narrativa estabelecida no *Blog do Gabeira* apresenta grande dinamicidade e exige do leitor, ou eleitor, uma participação intensa. Segundo Ormundo (2005), “a dinamicidade vem marcada pelo uso da ferramenta, pelo meio de publicação do texto e, principalmente, pelo caráter interativo que a ferramenta possibilita.” O *link* Busca facilita ao eleitor encontrar por meio de um léxico determinado informações sobre o assunto que procura, o ícone *links* abre uma janela onde estão catalogados diversos temas. Basta o usuário selecionar o que lhe interessa e imediatamente tem acesso à informação desejada.

Figura 7 : Reprodução do *Blog do Gabeira*. Fonte: www.gabeira.com.br/blog/. Acesso em 6 de outubro de 2006.



O *blog* apresenta uma textualidade móvel e infinita, compondo uma linguagem rica, o que permite ao leitor, ao navegar de um texto a outro a partir dos *links* se ver favorecido e enriquecido, ou não, com o diálogo estabelecido pelo *blog*. A seguir apresentarei

comentários enviados por seus leitores, no dia 24 de setembro de 2006, confirmando o processo de interação que ocorre por meio da ferramenta:

Rodrigo Leão

24/9/2006

Gabeira, vejo você concorrendo como deputado pelo estado do Rio de Janeiro e fico com uma inveja tremenda dos eleitores deste estado, por poderem votar em um político que de fato exerce a função para que se candidata.

(...)

Ainda bem que temos gente como você na câmara Gabeira, ainda bem...

adriana

24/9/2006

(...)

O nosso presidente, para o qual dei meu voto, cada vez que dá uma declaração, contribui imensamente para aumentar o desgosto, a tristeza e a desesperança. Ora afirma que caixa dois de campanha é coisa normal no Brasil; ora diz que política se faz dessa maneira - que são necessários conchavos e alianças, independente de quem sejam os aliados. Justifica a ausência no próximo debate político, dizendo que quando se é oposição é fácil exigir o comparecimento, mas quando no governo é diferente

cleber

23/9/2006

Gabeira, porque ao invés de divulgar o conteúdo, voce guardou o dossiê no cofre ?

Por meio dos comentários é possível ver o Deputado se faz conhecer, recebe expressões de aprovação ou não, seus textos são discutidos, suas ações acompanhadas, seus sentimentos compartilhados ou criticados.

4.4 *BLOG DO GABEIRA & COMUNIDADE DISCURSIVA*

Ormundo (2005), ao desenvolver sua pesquisa e análise sobre *blogs* e comunidades discursivas, teve como base o trabalho J. M. Swales (apud ORMUNDO, 2005), que estabeleceu seis características que nos permitem identificar se um grupo de indivíduos, em determinada prática de linguagem, constitui ou não uma comunidade discursiva.

Para se ver inserido dentro de determinada comunidade discursiva, o *blog* necessita ser freqüentado por grupos de pessoas que compartilham o interesse por um mesmo tema, como, por exemplo: narrativas de viagens, discussões políticas, discussões acadêmicas, literatura etc. Podemos encontrar essa característica ao compararmos o *Blog do Gabeira* com outros *blogs* considerados políticos como, por exemplo, o *Blog do Noblat* ou o *Blog do Tas e* outros que desenvolvem temas sabidamente políticos, sociais, etc

Podemos observar também que a obtenção de mecanismos de intercomunicação próprios dos membros que compartilham uma determinada comunidade discursiva, ou seja, o dialogismo, segundo teoria elaborada por Bakhtin (1997) e apresentada no capítulo quatro, pode ser verificada nos processos interativos dos participantes do *blog*, na relação que o Gabeira estabelece com os leitores, e vice-versa, por meio de *links*, outros *blogs* e principalmente, do ícone *comentários*.

Esse *link*, por ser o maior responsável pela interação no texto, receberá uma atenção maior dentro deste capítulo. Ao ser clicado, ele abre uma janela que permite ao leitor fazer comentários, críticas ou sugestões a respeito do texto lido e permite ao Deputado Fernando Gabeira responder a esses leitores, interagindo com eles. Segundo Ormundo (2004/5), é aqui que os processos interativos se estendem para além do *blog*.

No Blog do Gabeira, ele está acima do texto à direita e vem representado por meio de um “balãozinho” — nas revistas em quadrinho é o “balãozinho” que indica quem está falando —, e é muito utilizado pelos leitores. Na figura abaixo, representação do ícone, noventa eleitores deixaram ali sua posição sobre diversos assuntos, sobre os sentimentos de aprovação ou desaprovação quanto a questões políticas ou não, comentários, sugestões, cobranças.

Figura 8: Reprodução do ícone comentário no Blog do Gabeira. Fonte: www.gabeira.com.br/blog/. Acesso em 6 de outubro de 2006.



Citaremos, a exemplo do que ocorre no *blog*, uma publicação de autoria do Deputado do dia 23 de setembro de 2006, *Notas sobre uma semana punk*, e o diálogo estabelecido entre o *blog*, o jornalista Noblat e alguns leitores do *Blog do Gabeira*. Esta é a “frase do dia” publicada no *Blog do Noblat* :

“O presidente da República se comparou a Cristo e errou porque Cristo nunca foi beijar Judas, nunca foi chamar Judas de companheiro.” Fernando Henrique Cardoso, o recém-convertido

A frase do dia, mencionada pelo ex-Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, publicada no *Blog do Noblat*, contante do arquivo blogs preferidos do Deputado, remete ao texto de Gabeira que, por sua vez, comenta e ironiza a fala do Presidente Lula.

Disse Gabeira:

(...)

Não precisa cortar a mão do Jader Barbalho, como fazem alguns países muçulmanos. Mas também não precisava beijá-las. Era possível classificar Suassuna de leal. Mas decente, mestre? Comparar o Newton Cardoso com Pelé?

Fernando Gabeira, em seu texto, faz uma denúncia, que é comentada, em seguida, em publicação do Noblat, e recebe da leitora a manifestação de indignação e desesperança.

Disse Gabeira:

(...)

Já no meio do ano passado, o governo nos atendeu quando fizemos uma reunião secreta com o general Jorge Felix e pedimos a demissão de um petista chamado Mexerica, que estava alojado no Banco do Brasil com a missão de bisbilhotar contas. Foi uma operação discreta, graças também ao desinteresse da mídia.

Agora, surge na campanha de Lula um analista de risco que tinha a mesma função no BB. Se ele deixou o Banco para espionar em favor do PT, quem garante que não o fizesse dentro do próprio BB, para obter dados sobre a oposição?

(...)

Estão todos preocupados com a imagem de Lula. Sabia, não sabia, bebeu, não bebeu. O caso do Banco do Brasil é de mais longo alcance. É uma instituição, depende da confiança do cliente. Ele não se define, necessariamente, a partir dos mesmos elementos de sedução da política.:

Disse Noblat:

(...)

O deputado Fernando Gabeira (PV-RJ), sub-relator da CPI dos Sanguessugas, acusou ontem o economista Expedito Afonso Veloso, ex-diretor de Gestão e Risco do Banco do Brasil (BB), de ter violado o sigilo bancário do empresário Luiz Antônio Vedoin, dono da Planam. Gabeira chegou a essa conclusão depois de ouvir Expedito. 'Ele quebrou o sigilo e devia estar preso.' Ao mesmo tempo, a Procuradoria da República anunciou ontem que abrirá procedimento específico para investigar a conduta de Veloso e saber se ele teve acesso a dados bancários de Vedoin. O procurador repetiu três vezes que 'é possível' ter ocorrido invasão de dados no BB. (<http://www.blogdonoblat.com.br>)

Claudia Balbuena deixa no *link comentário* o seguinte texto:

O que me deixa mais desiludida é que muitas pessoas não conseguem nem se indignar. Será que é isso que o país merece? Será que esse ainda não é o fundo do poço?

Ocorre nos trechos citados uma relação de natureza dialógica por meio da narrativa.

A interação se estabelecida entre o Deputado, o ex-Presidente, mesmo que indiretamente, Noblat e a leitora, todos manifestando indignação — como denúncia, como comentário irônico ou não, etc, — quanto aos últimos acontecimentos na política do País, posicionando-se a favor da ética e da transparência. Tais elementos reafirmam a heterogeneidade constitutiva do discurso, pois os mecanismos de intercomunicação entre os membros do *Blog do Gabeira e a comunidade discursiva* são regidos por interesses dos sujeitos que interagem nesse grupo específico.

Portanto, o uso de mecanismos participativos com o intuito de produzir informações e repostas é uma característica ligada à organização e à atuação dos indivíduos por meio dos mecanismos organizados socialmente. O que determina o fato usuário compartilhar determinada comunidade discursiva dentro da rede é a sua disponibilidade de conectar-se, ou os interesses que despertam nesse usuário o desejo de participar de determinado grupo. Os motivos que atraem o internauta ao *Blog do Gabeira* são vários, vão

desde o fato de o *blog* ser atualizado diariamente pelo próprio Deputado, passam pela comunicação direta com o produtor do texto e chegam à interação que pode ter com outros *blogs*, *links* diversos, ao acesso às notícias políticas, ou não, à possibilidade de acessar o instrumento de busca, o álbum de fotos que o Deputado traz de suas viagens, todas catalogadas por categoria, acesso a vídeos, debates, etc.

Uma outra característica está na utilização de um ou mais gêneros para estabelecer a eficácia do processo comunicativo no sentido de atingir seus objetivos. Segundo Swales (apud ORMUNDO, 2004/5), a intenção do processo de comunicação é desenvolver determinadas expectativas discursivas.

A heterogeneidade e dinamicidade de gêneros presentes no *Blog do Gabeira* — textos orais, escritos, fotos, desenhos, notícias, debates, vídeos etc, nos quais Gabeira fala de seus ideais, utópicos ou não, de ética, faz denúncias, dá entrevistas. Segundo Bakhtin, os gêneros são sujeitos às mudanças sociais — desencadeiam um processo comunicativo, no qual um interage com outro. Assim é construído o posicionamento político e o sentido ideológico do Deputado, nos nós e nexos desse texto cuja linguagem híbrida se confirma. Podemos citar, como exemplo, a publicação do Deputado *Notas sobre uma semana punk*, as notícias publicadas em jornais, *links* políticos, a obra de Dali relacionada ao tema. Exemplos:

No *Blog do Gabeira*, particularmente na publicação que estamos considerando nesta análise, encontramos o uso de léxicos específicos que nos remetem à posição ética e ideológica defendida pelo Deputado, à indignação que sente diante da maneira como o País tem sido conduzido tanto pelo Governante maior como por seus Ministros, partidários. Reproduziremos aqui a publicação do Deputado a fim de mostrarmos o efeito dos léxicos na construção do sentido do texto.

Fernando Gabeira escreve:

(...)

Sancho Pança dava um bom conselho a Dom Quixote: olhe mestre, olhe bem o que está falando. Por falta de um Sancho Pança, Lula está se confrontando com moinhos de vento que jogam **lama** em todas as direções.

Não precisa cortar a mão do Jader Barbalho, como fazem alguns países muçulmanos. Mas também não precisava beijá-las. Era possível classificar Suassuna de leal. Mas **decente**, mestre? Comparar o Newton Cardoso com Pelé?

Tudo isso indicava já um futuro difícil para a reconstrução do vínculo entre política e sociedade no Brasil. O escândalo do dossiê, coordenado pelo grupo de inteligência do PT, rompeu uma das pontes estratégicas: a confiança entre adversários para aprovação de projetos convergentes.

Já no meio do ano passado, o governo nos atendeu quando fizemos uma reunião secreta com o general Jorge Felix e pedimos a demissão de um petista chamado Mexerica, que estava **alojado** no Banco do Brasil com a missão de **bisbilhotar** contas. Foi uma operação discreta, graças também ao desinteresse da mídia.

(...)

Neste momento, em que escrevo, já sabem de tudo o que aconteceu. Levarão dias para formular uma versão corrigida, e os **detalhes mais escabrosos** tentarão empurrar para depois das eleições. Como adversário, com uma visão construtiva, o que é possível esperar? A última vez em que discuti com o ministro Márcio Thomaz Bastos, disse que preferia um advogado numa carreira reconhecida do que um **ministro sob suspeição**. Ficou sentido. Agora está formalmente sob suspeição no TSE.

(...)

Em outras palavras: ruiu, nesta semana, a ponte do entendimento. Decidiram **saquear** e enfrentar o país, baseados na sua maioria potencial de votos. Como diz a música: quanto mais pesado vierem, mais pesado sairão.

(...)

Embora não seja uma guerra, de um ponto de vista formal, muitos elementos dela estão em jogo. Não dá mais para conviver fraternalmente com cineastas que justificam o **mensalão**, escritoras que propõem a imoralidade e atores que atribuem às "**Mãos Sujas**" de Sartre um sinal verde para desviar dinheiro público.

Essas pessoas são **cúmplices** de uma **quadrilha** que domina o governo brasileiro. São peixes do **mar de lama**. Em vez de revidarem com a sabedoria de Sancho Pança, empurram seus **Quixotes** para dias imprevisíveis.

Há vários léxicos presentes no texto que embasam a posição de adversário político do Governo Lula, assumida por Gabeira, inconformado com os rumos que tomaram a política, a democracia e a ética no País. O Deputado cita termos como **lama**, **mãos sujas**, **atos ilegais**, **detalhes escabrosos**, **mensalão**, remetendo-nos a todos esses acontecimentos que vêm deteriorando o Governo Lula e degradando o Congresso Nacional, mensalão, dólares na cueca, caixa dois, valerioduto, sanguessugas, falso dossiê etc. Usa **alojado** para se referir ao “funcionário” do BB, que, como denunciado, foi colocado ali pelo PT não para trabalhar, mas para **bisbilhotar**, ou colher informações que de forma legal não conseguiria. Questiona ironicamente a **decência** do Senador Suassuna, chama nossos governantes de **quadrilha** e os artistas que os apóiam de **cúmplices**.

Gabeira se mostra desiludido com a política nacional e se diz cansado da luta política. Mas seu passado ligado à esquerda e seus ideais revolucionários, fazem com que levante a bandeira da moralidade e da ética na política brasileira, em busca da moralização do Parlamento e defenda ideais, considerados por muitos, utópicos.

A última característica formulada por Swales (apud ORMUNDO, 2005) diz respeito ao compartilhamento do conteúdo relevante de uma habilidade discursiva. Nesse item, especificamente, vamos inserir comentários de internautas que ao navegarem pelo “*Blog do Gabeira*”, ao dialogarem com o blog, manifestam solidariedade, mostram comungar da mesma ideologia, manifestam indignação, ou cobram atitudes etc, enfim, promovem a transformação, o que determina a sobrevivência da comunidade discursiva em questão.

Citaremos alguns comentários proferidos por leitores do *Blog do Gabeira* referentes ao texto *Notas sobre uma semana punk*.

Comentários:

Olá, Gabeira. A expressão "No Future" é originária da música "God Save the Queen", do Sex Pistols. A partir daí, essa expressão se espalhou pelo mundo. Isso em 1975. O refrão é "no future no future no future for you no future no future no future for me". Acho que o Thomaz bastos não fica por muito tempo no ministério. Das cretinices que ele já praticou essa foi a pior e a mais grave. Tentar abrandar o caso em favor do PT foi o cúmulo! Todos já viram em tudo quanto é lugar imagens do suposto dossiê. Mas e as imagens do dinheiro?! O Thomaz Bastos arrumou até advogado pra um dos petistas. Ele tem que cair fora do cargo. Ele está se saindo muito bem como advogado de pilantras.

(...)

Sancho Panças faz falta... escrevi o texto ontem (e gostaria que se você pudesse, comentasse...) Obrigado por manter a dignidade, e ainda alimentar a esperança de alguns. Na merda Sobre um monte de lixo, dividindo democraticamente o espaço, onde alguns recolhem lixo para ganhar a vida, outros fazem sua justiça, e outras muitas vidas vão sendo vividas; Antônio proclama: "Enquanto o mundo for essa merda, ninguém merece medalha nenhuma!"

(...)

É possível reconhecer, no leitor do “*Blog do Gabeira*”, o leitor imersivo de que fala Santaella, por sua sensibilidade corporal, física e mental, e, principalmente, pela forma como ele atua e participa, interagindo com o autor — a quem é concedido o papel de orientador por sua posição e principalmente pelos ideais que vem defendendo —, como pudemos verificar no texto de Saito quando pediu ao Deputado que comentasse o texto que escreveu sobre “a falta que fazem os Sanchos Panças”.

Assim, no *Blog do Gabeira*, a linguagem que é por ele colocada em prática permite identificar o compartilhamento da visão política e do sentido ideológico do texto proposto pelo Deputado.

4.5 DIALOGISMO E INTERTEXTUALIDADE

A proposta principal do Deputado Fernando Gabeira, seja com relação à política seja com relação à Internet, é a de estabelecer a interação entre internautas e tudo o que se faz publicamente. O *Blog do Gabeira*, portanto, é um espaço para a discussão aberta e para levantamento de questões. O internauta é chamado a participar da circulação e da construção de pensamentos.

Para concretizar sua intenção o Deputado conta com um elemento fundamental na prática discursiva do *blog*, o hibridismo de gêneros, característica inerente dessa nova forma de comunicação, e, conseqüentemente, à intertextualidade, cujos aspectos, tanto explícitos como implícitos, estão presentes na relação que um texto mantém com outro. O diálogo e a interação se manifestam por meio das relações intertextuais da própria estrutura do *blog*. que contém citações, paródias, comentários, exemplos, paráfrases, etc., que podemos verificar nos comentários feitos pelos leitores do “*Blog do Gabeira*”:

O caráter dialógico e intertextual, portanto, constitui-se tanto na relação que os textos mantêm entre si como na que mantêm com o leitor. Essas relações podem ser confirmadas por meio de trechos de comentários do Deputado e de alguns leitores que relacionamos. Vejamos:

Sancho Panças fazem falta...escrevi o texto ontem (e gostaria que se você pudesse, comentasse...) Obrigado por manter a dignidade, e ainda alimentar a esperança de alguns.

(...)

Em resposta Gabeira inicia sua publicação *Notas de uma semana punk* da seguinte maneira:

Sancho Pança dava um bom conselho a Dom Quixote: olhe mestre, olhe bem o que está falando. Por falta de um Sancho Pança, Lula está se confrontando com moinhos de vento que jogam lama em todas as direções.

(...)

No mesmo texto, Gabeira cita o Ministro da Justiça:

Como adversário, com uma visão construtiva, o que é possível esperar? A última vez em que discuti com o Ministro Márcio Thomaz Bastos, disse que preferia um advogado numa carreira reconhecida do que um ministro sob **suspeição**. Ficou sentido. (...)"

Ao que o leitor Dan responde:

Olá, Gabeira. A expressão "**No Future**" é originária da música "**God Save the Queen**", do Sex Pistols. A partir daí, essa expressão se espalhou pelo mundo. Isso em 1975. O refrão é "**no future no future no future for you no future no future no future for me**". Acho que o Thomaz bastos não fica por muito tempo no ministério. Das cretinices que ele já praticou essa foi a pior e a mais grave.

A intertextualidade presente no diálogo que ocorre entre o Deputado e o leitor pode ser também encontrada em outras situações. Ao analisamos *Notas de uma semana punk* verificamos que o texto está permeado por outros textos: a expressão NO FUTURE, *slogan* punk traz para o texto toda a história do movimento jovem e sua visão fatalista do mundo, e, Gabeira também faz alusão à música do grupo Sex Pistols. O texto:

NO FUTURE. O slogan do movimento punk dominou esta semana no Brasil. No domingo, os jornais anunciavam os primeiros movimentos do escândalo da compra do dossiê contra Serra. E a coluna de Elio Gaspari trazia a informação de que o presidente Lula falou em fechar o Congresso. Sancho Pança dava um bom conselho a Dom Quixote: olhe mestre, olhe bem o que está falando. Por falta de um Sancho Pança, Lula está se confrontando com moinhos de vento que jogam lama em todas as direções.

Há também a comparação feita entre o Presidente Lula e o herói do romance de Cervantes, *Dom Quixote da Mancha* — criada pelo leitor Fábio Saíto e complementada pelo

Deputado —, cuja loucura, que Gabeira compara à de Lula ao mencionar o fechamento do Congresso, choca-se com o bom senso de Sancho Pança, papel assumido pelo colunista Elio Gaspari no episódio. A própria figura que ilustra a página, a obra de Salvador Dali, configura-se um texto dentro de outro texto, como podemos verificar a seguir:.

Figura 8: Reprodução da obra de Salvador Dali, Arquivo de fotos. Inserida na tela inicial do *Blog do Gabeira*.



Fonte: www.gabeira.com.br/blog/. Acesso em 26 de setembro de 2006.

Na obra de Dali, é possível reconhecer, apesar do desenho estilizado, a figura de D. Quixote prestes a enfrentar seu oponente imaginário, o velho moinho de vento. Os elementos ali usados nos dão a impressão de algo que está se desfazendo, derretendo, algo deformado ou talvez sujo. Além da relação que pode ser estabelecida entre D. Quixote, o guerreiro louco que enfrenta um obstáculo imaginário, e o Presidente da nossa Nação, que também tem manifestado certo estado ilusório que não possibilita que ele veja — ou será que não querer

ver? — o que vem acontecendo no País. Também podemos relacionar a figura a um Governo que está se desfazendo, que não tem mostrado inteireza e clareza nas suas ações. Portanto, temos inserido no texto de Gabeira mais um texto, a obra de Dalí, configurando e confirmando a estrutura intertextual do *Blog do Gabeira*.

5 CONCLUSÃO

Ao final da análise das práticas sociais de linguagem, utilizadas pelo Deputado Fernando Gabeira em seu *blog*, segundo nossa escolha teórica de que as relações dialógicas, os processos interativos e intertextuais presentes no *Blog do Gabeira* constroem e identificam o posicionamento político e ideológico do Deputado Fernando Gabeira podemos confirmar que o diálogo se constitui tanto por meio da ordenação do formato físico da página na *Web* — Gabeira, em seu *blog*, tem a seu dispor ferramentas como *links* variados, o *link* comentário, acesso aos outros *blogs* e *sites*, que não só possibilitam a interação como a incentivam —, como também por meio dos mecanismos de linguagem desenvolvidos no formato de comunicação do *blog*.

A ferramenta *comentário* confirma a interação estabelecida entre os participantes do *blog*, permitindo o reconhecimento dos seus papéis sociais, e promove processos interativos que se estendem para além do próprio *blog*. Além do mais, textos escritos, imagens, vídeos, sons, cujo conteúdo vem permeado por temas políticos, notícias do que acontece no Congresso Nacional e no Planalto, denúncias de corrupção e irregularidades no Governo, informações e dicas sobre ecologia, meio ambiente, sobre a luta do Deputado a favor das minorias, enfim, uma infinidade de possibilidades, estão à disposição do internauta que, por meio do mouse, pode não apenas construir a própria rede de informações, como participar ativamente do processo comunicativo. O processo de construção do posicionamento político e ideológico do Deputado Fernando Gabeira no *blog*, portanto, constitui-se a partir do uso dessas ferramentas e vai ao encontro dos estudos bakhtinianos sobre o caráter dialógico da linguagem.

A relação dialógica e interativa no *Blog do Gabeira* se completa através do tratamento dado à linguagem, marcada pelo hibridismo e pela intertextualidade que, como pudemos ver, ocorre nos textos que por ali circulam e na interação que se desenrola entre o Deputado Fernando Gabeira, blogueiro, e os leitores, ou eleitores, que freqüentam seu *blog*, mecanismos por meio dos quais nos foi possível identificar o posicionamento político e a ideologia proposta pelo Deputado em seu *blog*.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Ricardo & VIEIRA, Eduardo. Blogs: os novos campeões de audiência. In: ÉPOCA, N.º. 428/31 de julho de 2006. Ed.,

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.

BARROS, Diana L. P.; FIORIN, José Luiz (orgs). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1999.

KOCH, I. G. V. *Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas*. Ingedore Grunfeld Villaça Koch. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: ed. 34, 1999.

OLIVEIRA, S. R. M. Ideologia e linguagem: a natureza social da linguagem. In: *Caderno de linguagem e sociedade*. Vol. 3, n.º. 1, Brasília: Ed. Thesaurus, 1997.

ORMUNDO, J. Comunicação Mediada pelo Computador: blogs — Gênero discursivo emergente. In: *Cadernos de linguagem e sociedade*. Vol. 7, Brasília: Ed. Thesaurus/Neli/Ceam/UnB. 2004/05.

SANTAELLA, L. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHITTINE, D. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

Blog do Noblat. Disponível em: (<http://noblat1.estadão.com.br/noblat/>). Acesso em 15 de ago. 2006.

Blog do Gabeira. Disponível em: (www.gabeira.com.br/Blog/). Acesso em: 15 de ago. 2006.

Dialogismo e intertextualidade. Disponível em: (<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/ensino/dialogismo.htm>). Acesso em: 10 de ago. 2006.

DI LUCCIO, F. As múltiplas faces dos blogs: um estudo sobre as relações entre escritores, leitores e textos, 2005. Disponível em: (www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/) Acesso em 15 de jul.2006

